

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA MARTINS SARMENTO.

GUIMARÃES, Francisco Salgado

Ano: 1978 | Número: 88

Como citar este documento:

GUIMARÃES, Francisco Salgado, O Museu de Arqueologia Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 88 Jan.-Dez. 1978, p. 401-416.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Museu de Arqueologia Martins Sarmento

Por FRANCISCO JOSÉ SALGADO GUIMARÃES

Obras e Remodelação

O Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento encontra-se instalado numa galeria construída nos fins do século passado, sobre as ruínas do claustro gótico do antigo Convento de S. Domingos. O local é bastante húmido e o edifício, em forma de U, tem a parte aberta voltada ao Norte e a ala Sul encoberta pela Igreja de S. Domingos, a qual, no Inverno, lhe tapa o sol. Esta localização aliada, no Inverno, ao clima húmido e frio desta região minhota, em muito contribuiu para a rápida deterioração dos materiais empregues na sua construção.

Em 1977, apresentava esta galeria um aspecto conflagrador e, em alguns locais de quasi ruína. Face a tal situação, resolveu a Direcção da Sociedade Martins Sarmento dar início, nesse mesmo ano, às obras de reparação e beneficiação da galeria, para salvaguarda do valioso espólio arqueológico ali depositado. Quando no Outono desse ano as obras terminaram, o Museu apresentava, com o tecto restaurado, as paredes pintadas, nova e segura instalação e iluminação eléctrica o chão alcatifado, enfim um aspecto agradável e acolhedor.

As obras, que foram bastante dispendiosas, absorveram, porém, toda a verba disponível, não permitindo, como seria nosso desejo, a aquisição de moderno e funcional mobiliário para exposição das colecções do Museu de Arqueologia. Tivemos, pois, de remediar

com o velho mobiliário de madeira existente e que lá se encontra desde a remodelação do Museu, efectuada em 1939, pelo Coronel Mário Cardozo. Nos finais de 1977, demos início aos trabalhos de remodelação das vitrinas e expositores, procurando, dentro do limite financeiro existente, dar-lhes um aspecto mais atraente e funcional.

Nas dez vitrinas centrais, depois de um arranjo de carpintaria e do tratamento da madeira, que se encontrava atacada por insectos xilófagos, com um produto protector, foram as superfícies de exposição cobertas por uma placa de aglomerado forrada a tecido Dralon, anti-traça e resistente à luz.

Optamos pela cor verde escuro, para o tecido, devido à grande quantidade de cerâmica existente e a expor, a qual, sobre esta cor, sobressai vantajosamente. Os objectos de bronze e de ferro foram colocados, nas vitrinas, sobre placas de vidro fosco. Empregamos também o vidro acrílico na confecção de diversos suportes para exposição.

Os cinco armários envidraçados, colocados ao longo das paredes, eram os que se encontravam em pior estado de conservação. Depois de terem beneficiado de um arranjo de carpintaria e da sua madeira ter sido tratada, receberam, também, revestimento em tecido verde. Foram colocadas prateleiras reguláveis, de vidro, e as portas foram modificadas, permitindo, assim, uma melhor visão. As peças expostas foram marcadas com pequenos números acrílicos, para sua identificação, num quadro explicativo, colocado ao lado de cada armário. Tanto as vitrinas como os armários foram electrificados e iluminados interiormente, o que veio permitir uma melhor visão e estudo das peças expostas.

Os materiais de maior peso e volume, que se encontravam expostos num estrado baixo, ao longo da parede do lado sul da galeria, foram seleccionados e expostos em quatro expositores, com painéis em madeira e estrutura metálica. Estes expositores, mais altos, dão aos materiais expostos uma melhor visibilidade.

O carro votivo e o espeto de bronze, duas das melhores peças deste Museu, foram colocados numa espaçosa e moderna vitrina de vidro de estrutura metálica, idêntica à dos expositores.

Quanto ao sistema de exposição do espólio arqueológico, mantivemos a ordem cronológica e tipológica utilizada pelo Coronel Mário Cardozo e que consideramos ser, ainda, a mais indicada. Sem cairmos em exageros, retiramos diverso material repetido e em demasia, que lá se encontrava, o qual recolheu ao depósito. As vitrinas ganharam, assim, em clareza, tendo agora os visitantes uma visão mais explícita dos objectos expostos.

Descrição resumida do Museu

O visitante que entra na galeria, onde está instalado o Museu e volta à direita, encontra, desse lado, uma bela vitrina embutida na parede. Nela estão colocados os vasos de aba larga, assim como diversos vasos de cerâmica, modelados à mão. Cronologicamente, devem estes vasos ser atribuídos ao final da Idade do Bronze.

Lá se encontram, também, alguns pequenos vasos e fragmentos de cerâmica decorada provenientes da estação Eneolítica e da Idade do Bronze, da Penha.

No topo deste lado da galeria, encontra-se um busto, em gesso patinado, do patrono desta Instituição, Francisco Martins Sarmento.

Num dos ângulos, e sobre um pedestal de madeira, está um belo e grande vaso (*Pythos*) de fundo plano e quatro asas, proveniente da Penha.

VITRINA 1

Indústrias líticas pré e proto-históricas

Nesta vitrina encontra-se exposta uma variada e interessante colecção de peças de indústrias líticas, abrangendo um período que vai do Paleolítico à Idade dos Metais.

É composta por uma variedade enorme dos mais diversos modelos de artefactos, tais como: raspadores de sílex das jazidas de Monsanto, Paço d'Arcos e Casal

do Monte, todas dos arredores de Lisboa; fragmentos dos Concheiros de Muge; Picos Asturienses do litoral norte do País; pontas de seta, provenientes de diversas antas e antelas do norte e centro de Portugal; buris, percutores, punções, goivas, cinzéis, raspadores, facas, etc., vindos também de diversos locais do norte do País.

De pedra polida, expõe-se uma variada colecção, composta por algumas dezenas de instrumentos líticos, de diversos formatos, vulgarmente, conhecidos por machados de pedra e destinados aos mais variados fins.

Sobre esta vitrina encontram-se expostos dois machados de pedra, com reconstituição de encabamento e um vaso de fundo arredondado, com decoração geométrica, provenientes da estação Eneolítica e da Idade do Bronze da Penha.

Sob a vitrina estão alguns trituradores de pedra de procedência desconhecida.

Entre as vitrinas 1 e 2, encontra-se um pequeno armário envidraçado, com quatro prateleiras de exposição.

As duas primeiras estão ocupadas por materiais provenientes da Estação Arqueológica de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja e oferecidos a este Museu pelo saudoso Padre Eugénio Jalhay.

Na primeira prateleira, encontram-se interessantes séries de pontas de setas, de diversos modelos e belamente trabalhadas, raspadores, furadores, foices, pequenas lâminas de facas, tudo em sílex e uma série de microlitos de cristal leitoso. Além destas peças líticas, há ainda furadores de osso, fragmentos de contas de caláite e dois pequenos utensílios, para fim desconhecido, em bronze. Na prateleira seguinte, estão expostas duas placas quadrangulares de barro, com orifícios junto aos ângulos, três machados de pedra polida, um fragmento de cadinho com vestígios de jorra de cobre, no interior, fragmentos de cerâmica decorada, fragmentos de uma queijeira e sementes carbonizados de fava, trigo, bolota e linho.

Nas duas prateleiras inferiores, encontram-se alguns instrumentos líticos e de osso dos períodos Acheulense, Mousteriense, Solutrense e Madalenense, provenientes de diversas jazidas Espanholas.

Os materiais destas duas últimas prateleiras, foram oferecidos pelo Prof. Júlio Santa-Olalla, Dr. Joaquim Seller Vilas-Boas, Padre Eugénio Jalhay e Coronel Mário Cardozo.

VITRINA 2

Indústrias líticas pré e proto-históricas

Continua, nesta vitrina, a exposição de instrumentos e artefactos líticos dos períodos Neolítico e posteriores. É variadíssimo o seu conteúdo, formado por mais de uma centena de instrumentos de pedra polida, provenientes de diversas regiões do Norte e Centro de Portugal. Ali se encontram: trituradores, machados, martelos, polidores, enxós, goivas, pesos de rede e tear, etc.

Da estação Eneolítica e da Idade do Bronze da Penha, além de outros utensílios, salientamos uma pequena pedra de formato quadrangular com cavidades nas duas faces, possivelmente, cadinhos, um fragmento de almofariz em granito, um relho e pedaços de hematite.

Alguns dos artefactos expostos teriam, possivelmente, um fim religioso ou mágico, como as pedras furadas, provenientes de Portalegre e da Penha.

Sobre esta vitrina, encontram-se, à semelhança da vitrina 1, um martelo e um machado de pedra com reconstituição de encabamento, provenientes de S. Eulália de Barrosas e de uma anta de Alter do Chão. Entre estes dois instrumentos, encontra-se um vaso, reconstituído, de fundo arredondado e decoração geométrica, vindo da Penha.

Sob a vitrina, encontra-se uma série de trituradores oriundos da Citânia de Briteiros e de Alter do Chão.

VITRINA 3

Idade do Bronze

Dos objectos de bronze expostos nesta vitrina, destaca-se uma numerosa colecção composta por 28 «Pals-taves» ou machados de bronze, de duas aletas, e fragmentos de mais um, provenientes do esconderijo da Abelleira, S. Martinho do Bougado. A liga metálica destes machados é bastante fraca, pelo que, possivelmente, se tratava de moeda de troca. Dos diversos tipos de machados expostos, assinalamos: o machado liso, o de talão, o de uma aleta e o de duas aletas. Estão também expostos um couto de lança, duas alabardas e cinco pontas de lança. Três destas pontas são provenientes da Estação Eneolítica e da Idade do Bronze, da Penha. No alvado de duas destas pontas foram encontrados restos de madeira do encabamento que, analisada pelo método do Carbono 14, deu uma data de aproximadamente 930 anos a. C.

Todos os instrumentos de bronze expostos foram encontrados no norte de Portugal.

No lado da vitrina voltado à janela, encontra-se um conjunto de fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze, provenientes da Penha. Neles se podem observar os belos e variados elementos decorativos, característicos daquele tipo de cerâmica. Estão também expostos mais alguns fragmentos de cerâmica do mesmo género, estes, porém, oriundos de outros locais do norte do País.

Sobre a vitrina, e à semelhança das anteriores, encontram-se um vaso de fundo arredondado, com decoração geométrica, proveniente da Penha, e dois machados de bronze com reconstituição de encabamento. Um é de alvado e proveniente do Monte de S. Miguel o Anjo, o outro é de uma aleta e de proveniência desconhecida.

Sob a vitrina, está a parte inferior de um grande «*dolium*», encontrado nas escavações efectuadas no fim do século passado, na Bouça do Castelo — Paços de Ferreira.

VITRINA 4

Cerâmica decorada do Castro de Sabroso e da Citânia de Briteiros

Os fragmentos de cerâmica castreja decorada expostos nesta vitrina e provenientes destas duas estações arqueológicas, permitem-nos admirar, em pormenor, toda a sua maravilhosa decoração. Os motivos decorativos são muito variados, apresentando alguns, especialmente os oriundos do Castro de Sabroso, elementos de tradição da Idade do Bronze. Noutros fragmentos, além dos motivos locais, verifica-se a existência de motivos nitidamente célticos. A influência da cerâmica romana, quer em formas quer em decoração, também é visível em muitos fragmentos. Os motivos decorativos mais abundantes são: os dentes de serra, os semi-círculos, os círculos concêntricos, as faixas horizontais, as verticais, os agrupamentos triangulares, as espinhas, os losangos, os ponteados, as protuberâncias mamilares, os cordões em relevo, os palmípedes estilizados, etc. Os tipos de pasta são também muito variados, apresentando a maior parte deles abundante quantidade de palhetas micáceas.

Interessantes os fragmentos de cerâmica onde é visível uma forma de conserto que se manteve até aos nossos dias — os «gatos».

Sob a vitrina, encontram-se dois fragmentos de bocas de vasos e parte de uma telha plana (*tegula*), provenientes da Citânia de Briteiros.

No ângulo da galeria, entre as vitrinas 4 e 5, encontram-se instaladas, numa bela e espaçosa vitrina, duas das mais interessantes peças deste Museu. Trata-se do carro votivo e do espeto, em bronze, que foram encontrados em 1920 na Bouça do Custódio, Monte da Costa, freguesia de Vilela, Concelho de Paredes.

A cronologia destas duas peças ainda não está definitivamente assegurada, embora, e em face do modelo das rodas do carro votivo, se possa, talvez, indicar o Séc. IV a. C.

ARMÁRIO A

Diversos

Nas duas prateleiras superiores estão expostas 14 vasilhas de barro de origem desconhecida. Note-se na n.º 9 um interessante esgrafito, marcado no bojo.

Nas três prateleiras seguintes, encontra-se o espólio recolhido nas escavações arqueológicas, efectuadas pelo autor destas linhas, no Picoto de S. Amaro, Mascotelos, Guimarães. É composto por diversos instrumentos líticos, cerâmica castreja decorada, cerâmica luso-romana, «terra-sigillata» hispânica, lisa e decorada, fragmentos de vidros, moedas imperiais romanas em bronze e uma bela fivela anelar em bronze. Da «terra-sigillata» exposta, destaca-se um vaso incompleto da forma Drag. 27 com a marca de oleiro: EX.OF.BO..., infelizmente, incompleta. Os numismas identificáveis expostos são atribuídos a: Nero, Galieno, Aelius, Cláudio II, Constantino Magno, Constante, Delmácio, abrangendo um período que vai do Séc. I ao IV d. C. A fivela exposta é uma das maiores e melhor conservadas existentes no Museu.

Na parte inferior aberta deste armário, encontram-se as partes superiores de três ânforas, provenientes da Citânia de Briteiros.

VITRINA 5

Cerâmica da Citânia de Briteiros

Ocupando o lado da vitrina voltado à parede, encontra-se uma série de bordos de «*dolia*», ostentando diversas marcas de oleiro, feitas da seguinte maneira: a dedo na pasta fresca, a estilete, a matriz e modeladas em relevo.

Do lado oposto, estão expostos: duas queijeiras reconstruídas e fragmentos de outras, fundos de pequenas vasilhas, uns lisos, outros decorados e outros apresentando marcas de posse. Podem-se ainda observar

diversos tipos de gargalos, tampas (*operculum*), pesos de tear (*pondera*) e uma vasta série de cochoiros (*verticilli*) lisos e ornamentados.

Sob a vitrina, fundos e bordos de «*dolia*», também provenientes da Citânia de Briteiros.

ARMÁRIO B

Cerâmica luso-romana

Ocupam as quatro primeiras prateleiras deste armário, 29 vasos de diversos formatos, alguns pintados, provenientes das necrópoles luso-romanas de Moreira de Cónegos e S. Cristina de Longos.

Na última prateleira, encontram-se fragmentos de um grande «*dolium*», votivo, encontrado na Citânia de Briteiros, durante as escavações efectuadas em 1951, o qual ostenta no seu bojo a seguinte inscrição:

MAXVM(I)/NIS . CATVR(O)/
FIGVLVS . HO(C) MVNVS . DIIDIT

«O oleiro Caturão deu esta oferenda às (Ninfas ?) Maxuminas.

Na parte inferior do armário encontram-se as partes superiores de três ânforas provenientes da Citânia de Briteiros.

VITRINA 6

Cerâmica luso-romana

A parte da vitrina do lado da parede está ocupada por cerâmica luso-romana proveniente da Citânia de Briteiros. O conjunto exposto é formado por alguns vasos de várias formas e por fragmentos de vasilhame para uso doméstico, tais como: tachos (*patina*), frigideiras (*patella subtilis*), almofarizes (*mortarium*), ânforas, etc. Estão também expostas sementes carbonizadas e um fundo de vasilha contendo uma pasta endurecida,

possivelmente, restos de comida. Assinalamos ainda pequeninos seixos que seriam utilizados para fins que nos são desconhecidos.

A outra metade da vitrina está ocupada também por cerâmica luso-romana, esta, porém, proveniente de outros locais do concelho de Guimarães, como, S. Torcato, Gominhães, S. Cláudio, S. Salvador de Souto, S. Eulália de Barrosas e ainda de Marco de Canavezes e Almeirim.

Sob a vitrina, encontram-se alguns fragmentos de (*tegulae*) e bordos e fundos de talhas (*dolia*), provenientes da Citânia de Briteiros.

EXPOSITOR I

Apresenta fragmentos de mosaicos (*opus tessellatum*) provenientes de Braga e oferecidos a este Museu por Albano Belino.

ARMÁRIO C

Cerâmica luso-romana

Apresenta este armário trinta vasilhas em barro, de formas variadas, estando algumas incompletas. Os tipos de pasta também são bastante variados. Estas vasilhas são provenientes de sepulturas isoladas, necrópoles e castros da região de Entre Douro e Minho.

Na parte inferior estão três fragmentos de tijolos (*lateres*) provenientes das Termas Romanas de Vízela.

VITRINA 7

Cerâmica Castreja e luso-romana

Nesta vitrina expõe-se cerâmica castreja e luso-romana proveniente de diversos locais do concelho de Guimarães e de outras regiões do norte do país.

Além de vários fragmentos de vasilhame, encontram-se expostos: cossoiros, pesos de tear, e outros objectos de barro de utilização desconhecida.

Sob a vitrina, encontram-se algumas telhas planas (*tegulae*) com marcas de oleiro gravadas a dedo na pasta fresca. São provenientes das Caldas das Taipas.

Entre a vitrina 7 e 8, encontra-se a maquete em gesso do monumento dito funerário da Citânia de Briteiros.

EXPOSITOR II

Apresenta telhas planas (*tegulae*) e convexas (*imbrices*), algumas com marcas de oleiro. Apresenta também fragmentos de telhas e tijolos com marcas de patas de animais gravadas na pasta fresca. Um outro conserva ainda nítidas impressões digitais humanas. Estes fragmentos são provenientes da Citânia de Briteiros.

Entre os Expositores II e III encontra-se uma ânfora, reconstruída, proveniente da Citânia de Briteiros.

EXPOSITOR III

Apresenta canalizações tubulares de barro (*fistulae aquariae*) e chumbo (*fistulae plumbae*), e de outros modelos, provenientes das Termas Romanas de Vizela.

VITRINA 8

Vidros, Cerâmica de pasta fina, pintada e «terra sigillata»

Esta vitrina apresenta no lado voltado à parede os objectos de vidro, a cerâmica de pasta fina e a pintada, existentes neste Museu. Dos vidros expostos

salientamos: a Enócoa de vidro egípcia, a Ampula, a Taça canelada e os Unguentários, provenientes de uma sepultura luso-romana de Almeirim e ainda o Unguentário bulbiforme de Portalegre.

Expõem-se também fragmentos de vidros de Joubreia, Castro de Retorta, Castro de Avelãs e Sendim — Felgueiras. Da Citânia de Briteiros, além de diversos fragmentos unicolores e policromados, está em exposição uma formosa taça canelada em vidro verde claro muito parecida com a de Almeirim, acima mencionada. Este modelo aparece frequentemente por todo o Império Romano e é atribuído, cronologicamente, ao Séc. I e inícios do II d. C.

Há ainda uma série de fragmentos de vidro de proveniência desconhecida. As contas de colares de vidro unicolor e policromado expostas são oriundas da Citânia de Briteiros, S. Caetano — Chaves, Chamoim — Terras do Bouro e Castro de Sabroso. A conta de calaite verde veio-nos dos arredores de Setúbal. Estão expostas oito lucernas, havendo ainda fragmentos de outras. Assinale-se, igualmente, a existência de uma lucerna do período árabe.

Da cerâmica de pasta fina, além de dois vasos inteiros, encontra-se uma série de fragmentos de cerâmica deste tipo, com engobe amarelado imitando, na forma e decoração, a terra sigillata. Muito interessante o fragmento do colo e bordo de uma vasilha que apresenta, modelada sob o bordo, uma pequena cabeça humana, ostentando uma expressão risonha e que apareceu na Citânia de Briteiros durante as escavações efectuadas em 1943. É também da Citânia de Briteiros um fragmento cerâmico que apresenta uma máscara de expressão triste. Outro bordo de vaso com uma cabeça modelada, no género da aparecida na Citânia, veio-nos de S. Torcato.

A cerâmica pintada está também representada por alguns fragmentos de vasos feitos numa pasta esbranquiçada, ostentando uma pintura geométrica de côr vermelha escura, possivelmente, proveniente ou influenciada pela cerâmica ibérica da região de Castela.

O lado oposto desta vitrina é dedicado à «terra sigillata» encontrada na Citânia de Briteiros e em outros locais de Portugal. A proveniência desta cerâmica é atribuída

às oficinas hispânicas, gaulesas e itálicas. As marcas de oleiro aparecidas na Citânia formam já uma longa lista, assinalando a presença de obras saídas das oficinas de: AFER, ALBINVS, ANNIVS, AVCTVS, AVLIVS, BIO, COMMVIS, CRESTVS, CRISPINVS, IVCVN-DVS, LVPVS, MARCVS, MOMMO, RASINIVS, SAVFEIVS, SEVERVS, SILVIVS, SVAVIS, TETIANNVS, OF NIGRIA e ainda outras, cujas marcas são, infelizmente, ilegíveis. Estão expostos alguns vasos, lisos e decorados, inteiros ou restaurados e uma grande variedade de fragmentos, onde se pode ver muitos dos interessantes motivos decorativos típicos da «terra sigillata», tais como: círculos concêntricos, rosetas, pétalas, círculos denteados, caneluras, entrelaçados, frisos de óvulos, festões, fiadas de pérolas, elementos geométricos, folhas, animais, figuras humanas, etc.

A cronologia destes fragmentos cerâmicos vai do Século I ao Século IV d. C.

Além da «terra sigillata» da Citânia está exposta mais alguma proveniente de Braga, Marco de Canaveses, S. Tirso, Castro de Sendim, Atouguia, Portalegre, etc. É desta última localidade um vaso com a marca OF SEGITRITØ. Há ainda um fragmento de proveniência desconhecida, com a marca EX OF CANDI.

Sob a vitrina, tijolos (*lateres*) e canalizações de proveniência desconhecida.

ARMÁRIO D

Cerâmica luso-romana

À semelhança do armário C, encontram-se neste armário mais trinta e cinco vasilhas de diversos formatos provenientes de necrópoles e castros da região de Entre Douro e Minho.

Assinalam-se os vasos pintados da necrópole de St.^a Maria do Souto—Guimarães e o identificado com o n.º 25 que reproduz, em miniatura, o célebre pote de ferro com três pernas, que ainda hoje se encontra em uso nas nossas aldeias.

Na parte inferior encontram-se quatro fragmentos de tijolos com marcas de oleiro, de proveniência desconhecida.

VITRINA 9

Moedas e Artefactos de Bronze

É da maior variedade o espólio arqueológico em bronze exposto nesta vitrina, oriundo, a maior parte dele, do Castro de Sabroso e da Citânia de Briteiros e ainda algum proveniente de outras regiões do País.

Começamos por referir a série de numismas recolhidas nas escavações da Citânia de Briteiros.

Os 16 grandes e médios bronze pertencem aos seguintes municípios hispânicos: CELSA (2), CALGVRRIS (3), GRACCVRIS (1), CORDVBA (1), EMMERITA (1), EBORA (2), TVRIASO (3), sem nome de localidade (3).

Os denários de prata da República são das Famílias: ANTONIA (2), AEMILIA (2), AVRELIA (1), CLAVDIA (1), CALPVRNIA (1), PORCIA (1), THORIA (1). Do Império: TRAJANO (1), OCTAVIO (2), TIBÉRIO (1).

Os grandes e médios bronzes imperiais são de TRAJANO (2), CLAVDIO (1) e TIBÉRIO (1). Além das moedas mencionadas, existem mais 32 muito corroídas e de classificação quase impossível.

Continuando com o material recolhido na Citânia de Briteiros, assinalamos, além de 4 fivelas quadrangulares, as fivelas circulares, todas de aro interrompido e as fíbulas, do tipo Sabroso, de charneira e do tipo Santa Luzia.

Dos outros objectos de bronze, referimos as placas de cinto, as agulhas (*acus*), os anéis (*annuli*), as pinças (*volSELLA*), um pequeno machado votivo, uma asa de vasilha, uma pequena máscara de bronze, a charneira de um compasso, um interessante cabo de faca e outros fragmentos de difícil classificação.

Os objectos de bronze mais numerosos encontrados na Citânia, são os alfinetes de toucado (*acus comatoriae*).

Referimos ainda três pedras de anéis aparecidas nas escavações de 1949 e 1952, tendo gravado, uma um cavalo, outra uma figura humana e a última um vaso.

Do Castro de Sabroso é proveniente uma interessante colecção de fivelas circulares e fíbulas de bronze do chamado tipo Sabroso — um modelo local derivado das do período final de Hallstatt II. Expõem-se ainda um belo bracelete aberto, alfinetes de cabelo, agulhas,

uma asa de vasilha, fragmentos do bordo de um vaso de cobre, uma placa de cinto, um machadinho de alvado com argola de suspensão e diversos fragmentos de outras peças.

Passando aos artefactos de bronze oriundos de outros locais do País, temos do Concelho de Guimarães: as duas campainhas (*tintinabulum*) de Urgeses, a falera de Gominhães, o prato de Moreira de Cónegos e diversos artefactos inteiros e fragmentados provenientes de Vizela. De outros locais do País, destacamos: o espólio do Castro de Avelãs, composto por fíbulas, fivelas, anéis, e uma pequena pata de cavalo. De S. Caetano, assinala-se uma fivela lisa e uma maravilhosa fivela visigótica em bronze, sem dúvida, uma das mais belas peças expostas neste Museu. De Almeirim, encontra-se também um espelho de bronze (*speculum*). Finalizando, destacamos a bela bica de fontenário, representando um peixe e proveniente de Garfe, as estatuetas de um cavalo e de um touro, encontradas, respectivamente, em S. João de Rei — Póvoa de Lanhoso e Castro de Sacoias, e ainda uma estatueta representando o deus Baco, oriunda de Ponte de Lima.

Sob a vitrina, encontram-se canalizações de barro e de chumbo, provenientes das Termas Romanas de Vizela.

EXPOSITOR IV

Apresenta diversos tipos de tijolos (*lateres*), alguns com marca de oleiro. Um deles tem gravado uma bela decoração. A proveniência destes materiais é desconhecida.

ARMÁRIO E

Cerâmica luso-romana

Apresenta este armário uma série de trinta e um pratos (*catinus*) e (*catillus*) e pequenos alguidares (*gabatae*). As formas são muito variadas e os fundos destes recipientes são lisos, excepto o do n.º 10 que apresenta no interior dois círculos concêntricos incisos. Os marcados com números 2 e 21 apresentam vestígios de pintura.

Também o espólio guardado neste armário é proveniente de sepulturas isoladas ou necrópoles de várias

regiões do País. Exceptuamos os assinalados com os números de 22 a 31, que são de proveniência desconhecida.

Na parte inferior estão três tijolos de encaixe, provenientes das Termas Romanas de Vizela.

VITRINA 10

Instrumentos de Ferro

Esta última vitrina é dedicada aos instrumentos de ferro existentes no Museu e recolhidos nas escavações da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso ou provenientes de outros locais. Na sua quase totalidade, estão estas peças em muito mau estado de conservação. O elevado grau de corrosão não permite, em muitos casos, uma classificação segura.

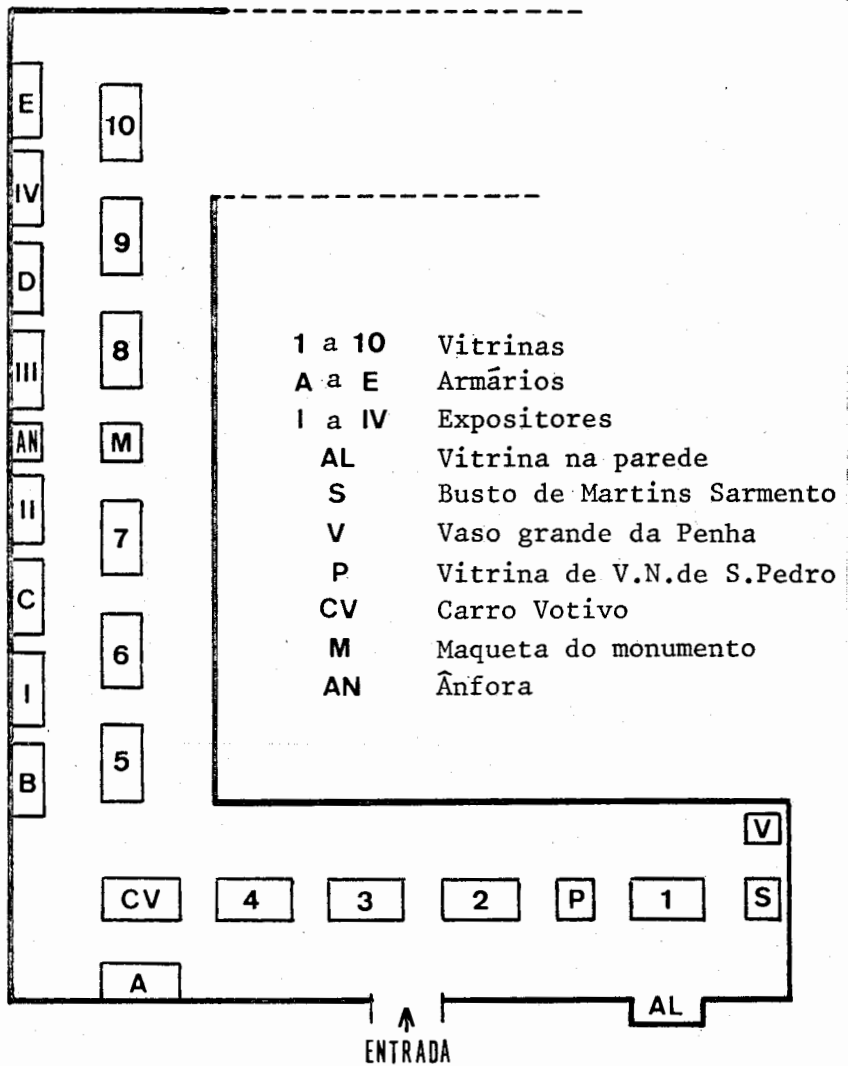
Podem-se, todavia, identificar: sachos (*sarclum*), um alvião (*ascia*), machados (*securis*), pontas de lanças (*cuspides*), chaves (*clavis*) e pregos (*clavi capitati*).

Os locais donde os instrumentos provêm, são: Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso, Ronfe, Moreira de Cónegos, Matamá, St.^a Cristina de Longos, S. Torcato e Vizela, todos do Concelho de Guimarães e ainda de S. Miguel das Aves e Castro de S. Caetano. Também se encontram nesta vitrina algumas escórias de fundição recolhidas no Castro da Retorta, Toutosa, Gominhães, Senhora do Castelo e Serra da Gralheira e algumas pequenas barras de chumbo vindas da Citânia de Briteiros.

Sob a vitrina, fragmentos de tijolos e caleiras em barro de proveniência desconhecida.

Ao terminar esta breve descrição da Secção de Arqueologia do Museu Martins Sarmento, recordo que a sua abertura ao público teve lugar em 1885, sendo, por isso, um dos mais antigos do País.

De início não houve suficiente preocupação em registar a entrada de peças facto que só em 1921 se começou, sistematicamente, a adoptar. Este motivo, aliado, muitas vezes, ao próprio ofertante ignorar a procedência dos objectos oferecidos, faz com que, infelizmente, hoje, se encontre exposto muito material ostentando o rótulo de: proveniência desconhecida.



Planta do Museu de Arqueologia
da Sociedade Martins Sarmiento



Fig. 1 — Vista parcial da galeria Nascente

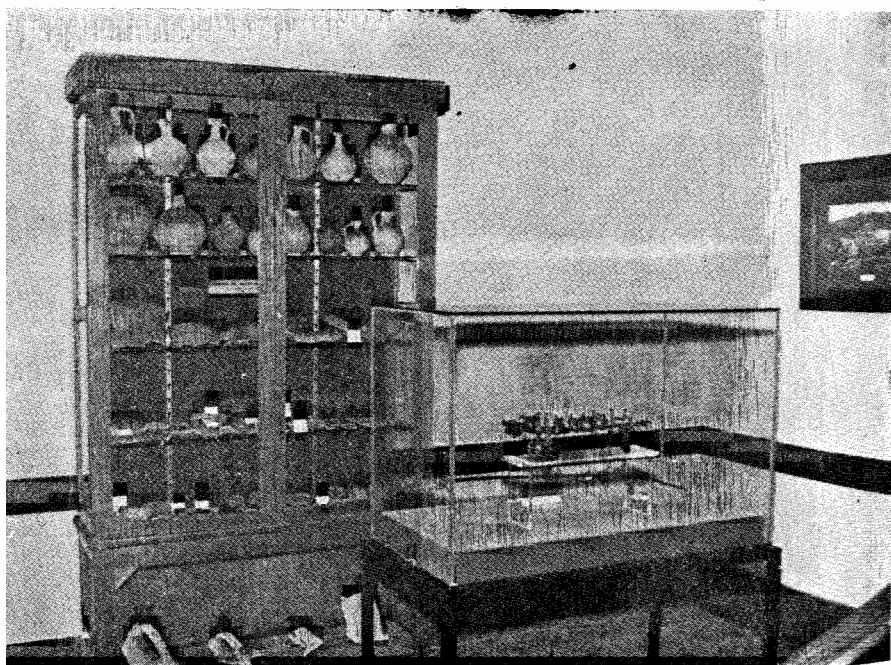


Fig. 2 — O armário A e a nova vitrina do carro vativo

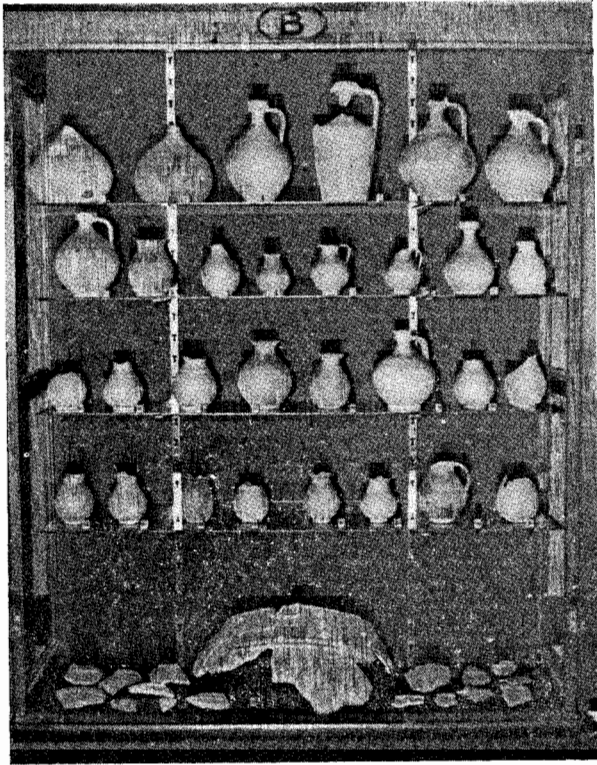


Fig. 3 — O armário B



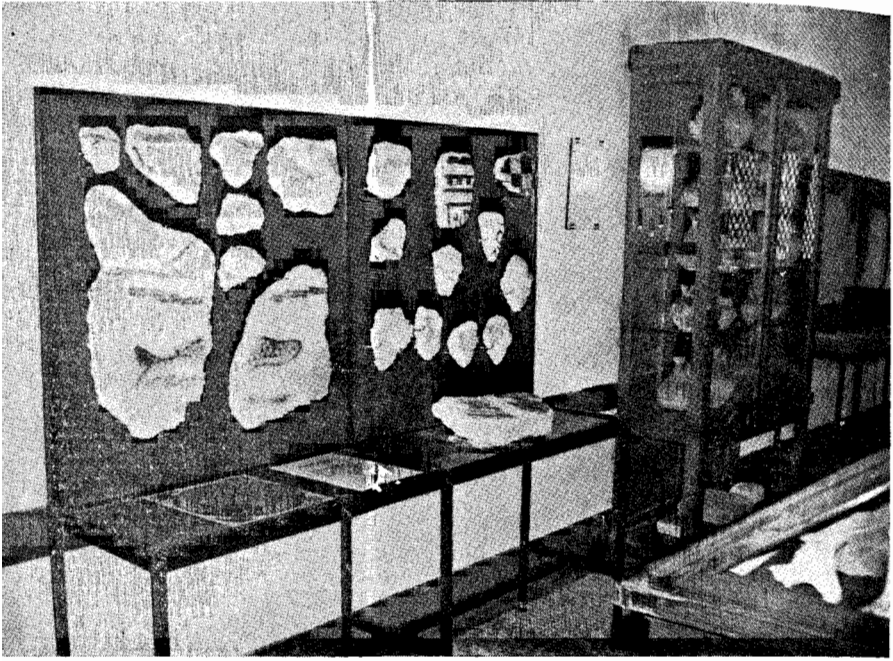


Fig. 5



Fig. 6